

O percurso do major Antônio Moraes, ator de *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna

Mayara Benevenuto Duarteⁱ
Maria Nazareth de Lima Arraisⁱⁱ

Resumo: O presente artigo tem como finalidade apresentar um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido na Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, no ano de 2021, no qual sugerimos uma análise semiótica da performance do *major Antônio Moraes*, ator do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, a fim de propor debates para o Ensino Médio. Para este espaço, privilegiamos a sistematização do debate temático, considerando o proposto no objetivo da pesquisa realizada. A metodologia desenvolvida para a pesquisa foi a da análise do discurso com abordagem qualitativa. O universo da pesquisa foram as obras do escritor Ariano Suassuna, entre as quais selecionamos como *corpus*, o *Auto da Compadecida*, que é uma coletânea de histórias que fazem parte do cotidiano do povo da região nordestina. Assim, temos uma sugestão de trabalho com a significação da atuação do personagem dentro do universo da obra, colocando em evidência as temáticas *status* e *poder*.

Palavras-chave: Semiótica discursiva. *Status* e poder. *Auto da Compadecida*. Ariano Suassuna.

Le parcours du majeur Antonio Moraes, acteur de l'Auto da Compadecida, d'Ariano Suassuna

Résumé: Le présent article a pour but de présenter un extrait d'un travail d'achèvement de cours (TCC) défendu à l'Université Fédérale de Campina Grande-UFCG, en 2021, dans lequel nous suggérons une analyse sémiotique de la performance du majeur Antônio Moraes, Acteur de l'Auto da Compadecida, d'Ariano Suassuna, afin de proposer des débats pour le lycée. Pour cet espace, nous privilégions la systématisation du débat thématique, en considérant celui proposé dans l'objectif de la recherche menée. La méthodologie développée pour la recherche était celle de l'analyse du discours avec une approche qualitative. L'univers de la recherche a été les œuvres de l'écrivain Ariano Suassuna, parmi lesquelles nous avons sélectionné comme corpus, l'Auto de Compadecida, qui est une collection d'histoires qui font partie du quotidien du peuple de la région du nord-est. Ainsi, nous avons une suggestion de travail avec la signification de l'action du personnage dans l'univers de l'œuvre, mettant en évidence les thématiques de statut et pouvoir.

Mots-clés: Sémiotique discursive. Status et pouvoir. Auto de Compadecida, d'Ariano Suassuna.

Submetido em: 17 jul. 2024
Aprovado em: 07 nov. 2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional
DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: mayaraduartedga@gmail.com.

ⁱⁱ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: nazah_11@hotmail.com.

INTRODUÇÃO¹

A designação de Literatura popular, ou comumente conhecida por literatura do povo, é um termo amplo que engloba uma variedade de formas de expressão literária criadas, consumidas e compartilhadas pelo povo em geral. Essa forma de literatura é apresentada tanto na modalidade oral quanto na escrita e reflete tradições, valores e experiências das comunidades. A literatura popular desempenha um papel importante na preservação das tradições culturais e na veiculação de valores de uma geração para outra. Além de refletir a identidade coletiva de uma comunidade, pode oferecer *insights* sobre sua história, crenças e perspectivas.

Nessa direção, é importante destacar que a literatura popular também pode ser uma forma de resistência cultural e uma voz para as comunidades marginalizadas e sub-representadas. Ela desempenha um papel significativo no fortalecimento da identidade cultural e no empoderamento das comunidades ao permitir que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências sejam valorizadas.

Pensando assim, o *Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, nos pareceu ideal para fomentar um debate na educação básica, uma vez que trabalha com um discurso lúdico, privilegiando a comédia dramática que retrata a vida no sertão nordestino do Brasil, especificamente na comunidade de Taperoá, município do estado da Paraíba. A peça narra as aventuras de dois personagens principais, João Grilo e Chicó, que vivem em uma realidade repleta de desafios e dificuldades. Ariano Suassuna aduz a visão daqueles que têm um baixo poder aquisitivo na comunidade, bem como a participação dos religiosos e dos poderosos que vivem ali. É importante destacar, que o poder sempre foi objeto de estudo de muitos filósofos, sociólogos e historiadores. Dentre estes, destacamos Weber (1991) que conceituou o poder como a possibilidade ou oportunidade existente em uma relação social que permite que um indivíduo satisfaça a sua própria vontade.

Além desses aspectos históricos e sociais, é possível identificar elementos da literatura de cordel e do teatro popular, com aspectos satírico e humorístico. A literatura de cordel e o teatro popular são formas de expressão cultural e artística que desempenham papéis significativos na cultura brasileira, especialmente no nordeste do país. Ambas as formas têm raízes profundas nas tradições populares e desempenham um papel importante na transmissão de histórias, valores e conhecimentos às comunidades.

¹ A parte da pesquisa privilegiada para constituir este artigo foi revisada e alterada, no entanto, muito foi conservado como no texto original sem autocitação.

O empoderamento e a formação crítica social são mecanismos interligados à politicidade e formação social dos indivíduos. Essa formação busca capacitar os indivíduos a analisar e questionar as relações de poder, as normas sociais, as injustiças e as desigualdades presentes na sociedade em que vivem. Com base nessas considerações a pergunta que norteou a pesquisa foi: é possível identificar valores *status e poder* na obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna? E ainda considerando este questionamento, buscamos compreender como a relação entre esses valores e a atuação do ator *major Antônio Moraes* estão imbricadas. Por último, ao realizar esta análise sugerimos a proposição de um debate para os alunos do Ensino Médio.

Com foco nesses questionamentos, procuramos analisar a performance do *major Antônio Moraes*. No recorte que ora apresentamos, a Semiótica Discursiva, que é a base teórica deste trabalho, está em diálogo no interior da proposta de debate temático, que também se configura como análise do *corpus*.

A proposta de debate privilegia as temáticas *Status e poder*, tomando como base o percurso do ator *major Antônio Moraes*. E os seguintes critérios para seu estudo foram: 1) sistematização do programa e do percurso narrativo do *major Antônio Moraes* como sujeito semiótico; 2) discursivização dos momentos em que as categorias de análise emergem na performance do *major Antônio Moraes*.

Para tanto, o artigo apresente uma única seção, que é a análise do percurso do *major Antônio Moraes*, em cujo interior destacam-se três subseções: na primeira, apresentamos o programa e o percurso do *major Moraes*; na segunda, o ator no tempo e o espaço do enunciado; e a quarta corresponde a teorização e reflexão das temáticas *status e poder* que podem ser percebidas na performance do ator em estudo, como proposta de debate para o Ensino Médio.

O PERCURSO DO MAJOR ANTÔNIO MORAES DO *AUTO DA COMPADECIDA* (1955), DE ARIANO SUASSUNA

Seguimos, para este estudo, a Semiótica Discursiva de base greimasiana, que se originou na década de 60 a partir da publicação do livro *Semântica Estrutural* (1966). Essa Semiótica é um modelo teórico que busca descrever a estruturação e a geração de significados nos textos, seguindo um Percurso Gerativo da Significação que é estruturado em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, cada um constituído por uma sintaxe e uma semântica. No presente trabalho, privilegiamos os níveis narrativo e discursivo por serem suficientes para a percepção

das categorias de *status* e poder a que nos propomos sugerir o debate na educação básica, especificamente, no ensino médio.

O PROGRAMA E O PERCURSO DO MAJOR ANTÔNIO MORAES

Para a perspectiva da prática de uma sala de aula, o professor poderá inicialmente, planejar uma aula tendo como ponto de partida uma estratégia explícita e diretiva (LOPES; SILVA, 2011) para recapitular o universo de o “*Auto da Compadecida*”, de Ariano Suassuna, considerando que este momento deve proceder à leitura da obra. Sugerimos, então que, coletivamente, alunos e professor construam a síntese e a segmentação do texto. Trata-se de uma estratégia para destacar o universo da obra e colocar o ator em foco para ir percebendo as temáticas “*status* e poder”. É um momento de preparação para a discussão mais aprofundada das temáticas.

Para a realização desta etapa, considerando que, de acordo com Masetto (2012), a síntese é uma forma de retomar aspectos que se perderam durante uma discussão ou um debate ou não ficaram suficientemente claros, aqui, deteremo-nos a uma ação de relembrar a atuação do major Antônio Moraes na narrativa. Vejamos uma sugestão para a construção da síntese com destaque para as atuações do major.

A história centra-se nos personagens João Grilo e Chicó que se dirigem ao padre para lhe pedir que abençoe o cachorro do patrão, um sujeito com uma posição social importante, era major e presidente da irmandade de almas. O padre recusou porque era um animal. João Grilo questionou o fato de o padre ter abençoado o motor do major. O padre justificou-se dizendo que o motor é outra coisa e todos benzem. João Grilo fez uso do nome do major para convencer o padre de que o cachorro era dele. O padre se deu conta do quanto temia o major. João Grilo enfatiza esse poder e mente para obter a bênção. O padre concorda em realizar a bênção solicitada. Chicó anunciou a chegada do major à cidade de Taperoá. João Grilo teme que sua mentira seja descoberta e traça mais uma de suas artimanhas. O major vai à cidade de Taperoá pedir ao padre que abençoasse seu filho doente. João Grilo disse ao major que o padre era um pouco maluco. O major Antonio Moraes chegou à igreja para falar com o padre. O major enfatiza sua autoridade local e respeito; desmascara as observações do padre e reafirma sua superioridade. Ele disse que não ia à igreja porque não queria. O padre confunde o filho do major com um cachorro e pergunta se o bichinho já está fedendo e com rabugem. O major pergunta ao padre se ele está louco e se desentende com o padre por causa das mentiras de João Grillo.

A síntese pode ser feita coletivamente professor e aluno, mas reiteramos aqui a necessidade de leitura prévia do texto. Esse processo de retomada da leitura permite uma compreensão mais clara da narrativa, permitindo perceber detalhes que podem ter passado despercebidos durante o primeiro contato com a obra.

Em seguida, a segmentação é uma ação que ajuda a filtrar o comportamento dos personagens nas narrativas e, para fins do debate, as ações do major Antônio Moraes. Após a síntese, o professor novamente medeia a construção da segmentação, destacando as ações do major. Vejamos uma sugestão.

Quadro 1 – Segmentação da síntese

Segmento 01	O Major vai até a cidade de Taperoá pedir a benção ao padre para o filho que está doente;
Segmento 02	O Major pergunta se o padre está doído;
Segmento 04	O Major enfatiza sua autoridade e respeito naquela localidade;
Segmento 05	O Major Antônio Moraes chega à Igreja para falar com o Padre;
Segmento 06	O major desmascara o discurso do padre;
Segmento 07	O major enfatiza mais uma vez a sua superioridade e afirma não ir à igreja por não querer;
Segmento 08	O major se desentende com o padre devido a mentira de João Grilo;
Segmento 09	O major faz uso do seu nome para demonstrar que todos devem respeito;

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Feita a síntese e a segmentação, o passo seguinte é traçar o percurso do sujeito. Para tanto, o professor pode questionar os alunos, à medida em que registra o resultado:

- ❖ Que caminho o major Antônio Moraes percorreu para conseguir a saúde do filho?
- ❖ Quem o ajuda e quem o atrapalha nesse trajeto?
- ❖ Ele consegue o que almeja?

Essas perguntas ajudam os alunos a ir percebendo as temáticas de *status* e poder presentes na atuação do major.

Após esses questionamentos e direcionamentos, o professor poderá dar início a análise do nível narrativo. Aqui é o início da exploração do nível narrativo ou a narrativização. Trata-se de uma camada superficial e nela está presente uma sintaxe e uma semântica. O componente sintático tem a função de descrever o caminho que um sujeito percorre em busca do seu objeto de valor (OV). Durante essa jornada, esse sujeito poderá receber ajuda e ser motivado por um destinador, bem como pode se deparar com um oponente que dificulta a sua busca e prejudica a sua trajetória. É nesse nível que se faz presente um processo de reconstrução da intervenção

do homem no mundo, que, ao buscar os valores essenciais para a sua existência, pode modificá-lo. (Greimas; Courtés, 2018).

No discurso em em questão, dentre os sujeitos semióticos que aparecem na obra, selecionamos apenas um, que é nomeado de major Antônio de Moraes. O major Antônio Moraes é instaurado pela modalização de um *querer* a saúde do filho. O *querer* é o Destinador (DOR). Ele tem como Objeto de Valor (OV) a saúde do filho mais moço. O *status* e o poder do major constitui o Adjuvante (Adj), uma vez que são facilitadores para que ele consiga alcançar o seu OV₁. O Oponente do S₁ é João Grilo o qual cria obstáculos no percurso do major. Esse mesmo Oponente coloca obstáculos porque também está em busca de a bênção do padre para um cachorro.

Para conseguir a saúde do filho, o percurso do sujeito, nomeado de major Antônio de Moraes se organiza da seguinte forma: ele tenta convencer o filho a viajar (OV₂); atende ao pedido do filho (OV₃); vai pedir a bênção do padre (OV₄); viaja até a cidade de Taperoá (OV₅) e fala com o padre (OV₆). Esse detalhamento da performance que um sujeito executa em busca de um objeto de valor é a sintaxe narrativa.

Já a semântica narrativa foca nos valores que o sujeito semiótico apresenta. Esses valores são imprescindíveis para a compreensão do seu percurso que o fará alcançar ou não o seu objeto de valor. Nesse sentido, o discurso desse sujeito se manifesta por uma manipulação no plano pragmático, fazendo acontecer uma intimidação. Esse processo de manipulação inicia quando o major diz que não é uma figura qualquer e que o padre deve tomar cuidado quando lhe for dirigir a palavra e termina quando ele diz que não matará o padre por ele ser uma figura religiosa e por estar louco.

O estado inicial desse sujeito é de disjunção com o seu objeto de valor (a bênção do filho pelo padre), uma vez, que ele não consegue alcançá-la, permanecendo disjunto em seu estado final devido a intromissão do seu Oponente, João Grilo, que queria também a bênção do padre para o cachorro do patrão.

Após esse momento de identificação e descrição do Sujeito, seu Programa, Percurso, modalização e sanção, segue-se a parte da discursivização, tentando compreender a trama e colocar os temas em evidência para compreendê-los de forma crítica e reflexiva.

O ATOR NO TEMPO E NO ESPAÇO DO ENUNCIADO

Noutro momento, o professor pode explorar o ator no tempo e espaço do discurso. É o nível discursivo quando ocorre a organização da narrativa de acordo com os atores, o tempo e

o espaço. Para Fiorin (2018, p. 41), “no nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude”.

Nesse sentido, para identificar no espaço e no tempo, o professor poderá iniciar lançando mão de questionamentos relacionados a essa caracterização do major, como também ativando simulacros desse ator no cotidiano da vida dos estudantes, ou mesmo em outros espaços. Vejamos a seguir alguns questionamentos que podem ser utilizados para conduzir esse momento.

- ❖ Quem é o major na peça?
- ❖ Que características sociais ele apresenta?
- ❖ Com quem ele se relaciona na peça que deixam essas características mais evidentes?
- ❖ Ainda podemos perceber na nossa sociedade pessoas com essas características?

A ideia é conduzir os alunos a perceberem a posição social de major que, usando de sua posição, procura realizar seus caprichos e incitar o temor naqueles que não têm um *status* igual ao seu. Vejamos que o enunciador projeta o major na narrativa por um *eu* explícito, num processo de aproximação da enunciação no enunciado nos pronomes *comigo, me, meu, minha* e pela desinência número-pessoal das formas verbais *vamos, hei, procurei*.

O trecho abaixo pode ser usado para explorar essas informações na obra:

ANTÔNIO MORAES – Isso foi porque era com seu patrão. **Comigo** é diferente. (Suassuna, 2018, p. 47, grifo nosso).

ANTÔNIO MORAES – Pois **vamos** esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira. Quanto à mania de benzer, não faz mal, ele **me** será até útil. (Suassuna, 2018, p. 47, grifo nosso).

É importante que os alunos entendam que, ao nomear o ator major Antônio Moraes, o enunciador já antecipa a autoridade que lhe é conferida ao mencionar o termo *major* fazendo referência a um cargo público, provavelmente por influência política. Esta posição o elevou ao poder oficial daquela localidade, tornando-o superior as outras pessoas da cidade. Vejamos a seguir a fala de João Grilo, em que isso fica evidenciado.

JOÃO GRILO – Não pode ser, o bispo está aí e o padre só benzia se fosse o cachorro do major Antônio Moraes, gente mais importante, porque senão o homem pode reclamar. (Suassuna, 2018, p. 53, grifo nosso).

A admiração do padre pelo major Antônio Moraes é notória por ser um homem muito rico e influente que sempre serve à igreja com suas contribuições financeiras. Portanto, o padre trata o intitulado militar como figura máxima perante à Igreja, demonstrando respeito e

submissão. A autoridade do major sobre a igreja também pode ser percebida nesta fala de João Grilo e até na fala do próprio major no diálogo com o padre. Vejamos:

ANTÔNIO MORAES – [...] a igreja é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade, mas tudo tem um limite. (Suassuna, 2018, p. 49, grifo nosso).

O major reconhece o poder da Igreja Católica e sua utilidade para a sociedade e até demonstra respeito por ela, porém esse respeito é limitado quando fere sua supremacia.

Essas reflexões sobre o major podem ser aprofundadas com os saberes e posicionamentos dos alunos, que certamente têm muitos exemplos, vividos ou testemunhados, de pessoas tentando usar sua posição social para obter privilégios e favores, fato comum em um país que já passou por um processo de colonização seguido de um regime presidencial em que os militares são predominantes.

Segundo Masetto (2012), num debate, o professor deve garantir que todos os alunos estejam envolvidos e evitar centralizar alguns. Todos terão a oportunidade de falar e se posicionar sobre os relatos dos demais colegas. A essa orientação do autor, acrescentamos que as posições dos alunos devem ser valorizadas e discutidas para serem compreendidas em suas subjetividades.

Para explorar o tempo, como forma de despertar seus conhecimentos prévios e encontrar, além do tempo linguístico, o tempo cronológico, o professor, considerando, neste caso, que os alunos já estão no ensino médio e que podem perceber as marcas do tempo linguístico no texto, ou seja, o tempo do *agora* e do *então*, usar perguntas como as que seguem.

- ❖ Impresso na língua, quais as marcas indicadoras do momento presente, passado ou futuro?
- ❖ Qual o tempo cronológico que podemos perceber no percurso do major na peça?

Ao lado do debate sobre as projeções de major e dos atores que com ele se relacionam, afirmando sua posição de autoridade e autoritarismo, o professor conduz os alunos a perceberem que existe o tempo linguístico (que organiza a fala) e o tempo cronológico (que organiza a vida das pessoas e é indicado a partir das emoções humanas). Caso os alunos tenham dúvidas em relação ao tempo cronológico, o professor pode explicar que é o tempo de medição cultural: minuto, hora, dia, semana, mês, ano, década etc.

Já que estamos conduzindo uma discussão em que as temáticas a serem evidenciadas são *status* e poder, interessa destacar o tempo presente na voz do major como o tempo da imposição de sua autoridade e autoritarismo em seu diálogo com o padre como podemos contemplar no quadro a seguir.

Quadro 2 – Tempos verbais

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO E INDICATIVO	FUTURO DO PRESENTE
ANTÔNIO MORAES – Você tinha razão. (Suassuna, 2018, p. 50, <i>grifo nosso</i>).	ANTÔNIO MORAES – [...] Padre João, veja com quem está falando. A igreja é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade, mas tudo tem um limite. (Suassuna, 2018, p. 49, <i>grifo nosso</i>).	ANTÔNIO MORAES – Apareça nos Angicos, que não se arrependerá . (Suassuna, 2018, p. 50, <i>grifo nosso</i>).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

No exemplo correspondente ao pretérito imperfeito do indicativo, temos a confirmação de que o major caiu nas artimanhas de João Grilo e o seu plano para fazer o padre parecer maluco, levando o major a confirmar que João Grilo tinha razão. No exemplo correspondente ao futuro do presente, o major dirige-se a João Grilo e pede-lhe que vá à sua fazenda na cidade de Angicos, o que fica subentendido que lhe dará alguma recompensa por alertá-lo da loucura do padre. Notemos que é no presente que o major se coloca, mas projeta fatos numa anterioridade e numa posterioridade. O tempo do *agora* transmite a ideia de proximidade com a enunciação e indica a predominância de major neste recorte temporal.

O percurso do major Antônio Moraes é marcado pelas indicações de *hoje em dia*, para indicar o momento presente comparando com *antigamente*, *antepassados* e *muito tempo*. Vejamos essa materialização no fragmento abaixo.

ANTÔNIO MORAES – Os donos de terras é que perderam **hoje em dia** o senso de sua autoridade. Vêm-se senhores trabalhando em suas terras como qualquer foreiro. Mas comigo as coisas são como **antigamente**, a velha ociosidade senhorial. (Suassuna, 2018, p. 48, grifo nosso).
 ANTÔNIO MORAES – Seria melhor dizer logo que faz **muito tempo** que não venho à missa. (Suassuna, 2018, p. 48).

Feita a discussão sobre o tempo linguístico na peça pelos alunos, o professor tem a oportunidade de fomentar o debate com questionamentos sobre o tempo cronológico/cultural: *hoje em dia*, *antigamente* e *muito tempo*. Esta é uma forma de conduzir o debate para perceber no percurso do major que *antigamente* corresponde a um passado com forte predominância coronelística que se iniciou no século XX. A *velha ociosidade senhorial*, segundo Carvalho (1997), teve sua origem no fator político e na conjuntura econômica, a partir da criação de um “governo estadual” que substituiu o ex-presidente provincial. Essa mudança contribuiu para a inserção dos coronéis na política.

É importante acrescentar ao debate que os coronéis eram proprietários de terras e os demais que faziam parte da sociedade eram seus súditos e deveriam respeitá-los. Por isso, o major sugere, que os proprietários de terras perderam sua autoridade ao realizar trabalhos manuais (que deveriam ser reservados aos inferiores, os foreiros), quando deveriam impor autoritarismo e opressão por meio de ameaças e violência à força de trabalho alheia.

Os foreiros usavam as terras do senhor para cultivo e, além da taxa, dependia do senhor para sua venda, pois o patrão limitava a venda de sua colheita. Segundo Venuzo (1972), a condição de subordinação ao mestre era o que eles tinham em comum. O sentimento de repulsa é assim justificado: comparar um grande senhor a um escravo ou a um trabalhador é um insulto, porque ele está numa classe social acima de todos, garantida pela política e pelo sistema feudal.

Por outro lado, o tempo cronológico caracterizado por *hoje em dia* remete à ideia de mudança, pois com a reformulação do cenário político, a independência eleitoral e os direitos trabalhistas conquistados, os foreiros já não estavam mais submissos ao voto de cabresto que acontecia por compra e imposições e nem as vontades de seus patrões. É importante ressaltar que o voto de cabresto é uma prática condenável e ilegal em muitos países, incluindo o Brasil, onde essa expressão é comumente usada. No Brasil, a Constituição Federal e o Código Eleitoral estabelecem punições para a compra de votos e outras formas de coação eleitoral.

A demarcação de *muito tempo* na fala do major, ao afirmar que fazia tempo que não frequentava a missa, também é considerada uma prática histórica. Uma das formas pelas quais os coronéis exerciam seu controle sobre a população era por meio da frequência a missas e cerimônias religiosas. As missas eram eventos importantes na vida das comunidades rurais, muitas vezes sendo o único momento em que os moradores se reuniam em um espaço comum. Os coronéis aproveitavam essas ocasiões para reforçar sua influência política e social. Eles compareciam às missas e utilizavam esse momento para fazer discursos, promover candidatos de sua preferência, fazer alianças políticas e até mesmo exercer pressão sobre os eleitores. Além disso, muitas vezes eles contribuía financeiramente para a construção e manutenção das igrejas locais, o que lhes garantia ainda mais prestígio e poder sobre a comunidade.

Da mesma forma que os atores vivem em um determinado tempo indicado pelo discurso, também transitam por espaços específicos organizados linguisticamente e culturalmente no discurso. Importante, pois, que os alunos percebam a tríade pessoa, tempo e espaço como elementos que têm como referência a vida numa realidade também fora do discurso. A espacialização, segundo Greimas e Courtés (2018), corresponde ao local em que ocorre os programas narrativos. Esses espaços podem ser linguísticos e geográficos. Seguem algumas possíveis perguntas a serem realizadas pelo professor.

- ❖ Qual o espaço que está impresso na língua e em consonância com o tempo presente?
- ❖ Qual o espaço onde transitam o major e os atores que se relacionam com ele?
- ❖ Observando o cenário nacional social e político, quais relações vocês conseguem apontar de *antigamente* para *hoje em dia*? Será que ainda há predominância coronelista no meio político em pleno século XXI?

Seguindo as orientações de Masetto (2012) o professor abrirá a palavra para todos os alunos se expressarem, seja com comentários, apresentar questões, levantar dúvidas ou até mesmo complementar comentários de colegas e assim por diante. Muitas são as possibilidades de aprofundamento dessa discussão, a seguir apresentamos uma.

Tomando por base o fragmento a seguir, à *missa* subjaz um espaço do *aqui* que dialoga com o *tempo presente*, marcado no trecho acima pela forma verbal “venho” e pela presença de um *eu* que desempenha um papel no espaço aqui no tempo agora. Vejamos:

ANTÔNIO MORAES – Seria melhor dizer logo que faz muito tempo que não **venho** à missa. (Suassuna, 2018, p. 48, grifo nosso).

Destacamos que é importante ir direcionando os alunos a perceberem que os espaços por onde transita o major são lugares que dão ênfase as relações de poder, a exemplo da Igreja fragmento a seguir onde ocorre a missa, vocábulo explícito no fragmento anterior. Vejamos:

PADRE, da igreja.
 – Ora quanta honra! Uma pessoa como Antônio Moraes **na igreja!** (Suassuna, 2018, p. 48, grifo nosso).
 ANTÔNIO MORAES – A **igreja** é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade [...] (Suassuna, 2018, p. 49, grifo nosso).

‘A igreja’ é o espaço destacado pelo major. Esta é uma oportunidade de discutir com os alunos que a ideia de Igreja é de instituição tida como lugar sagrado em que as pessoas vão para alcançar bênçãos divinas para seus sofrimentos. No caso em específico, há uma crítica à igreja que recebe dinheiro para bênçãos de objetos e animais, dependendo de a quem está servindo e o que terá em troca. Foi para lá que o major se dirigiu para ir em busca da bênção para o filho. E também foi lá que João Grilo e Chicó foram pedir a bênção para o cachorro, já que o padre tinha abençoado o motor do major.

STATUS E PODER: CONTINUANDO O PERCURSO

Este é o ponto cume do debate, considerando o que propôs a pesquisa que o deu origem e a proposta deste artigo, já facilitado pelos momentos anteriores. É hora de explorar a produtividade semântica da estrutura discursiva. E isso é feito por meio da tematização e

figurativização. O professor poderá dar continuidade com o uso da técnica de dinâmica de grupo exposta por Masetto (2012), que consiste na colaboração do aluno e em ensinar a ouvir as contribuições dos seus colegas, debatendo e discutindo sobre as temáticas elencadas, relacionando-as com os seus conhecimentos e suas experiências, ampliando o seu universo intelectual de forma que, ao término do debate em grupo, cada participante possa ter avançado e aprendido mais sobre as categorias em pauta, do que se tivesse estudado sozinho, pois, ele irá se deparar com uma diversidade de opiniões e poderá refletir sobre elas.

Além disso o professor terá a possibilidade de avaliar a capacidade crítica dos alunos durante a discussão e compreensão das temáticas. Nessa direção, o professor segue coordenando a mediação da discussão. A seguir a sugestão dos questionamentos possíveis.

- ❖ Você consegue perceber alguma centralização de poder na atuação do major?
- ❖ De que forma isso é evidenciado? Existem vestígios nesse percurso do major para que suponhamos ser o *status* dele a alegação de possuir esse poder? Explique.
- ❖ É possível fazer alguma correlação entre a comunidade de Taperoá e a atual sociedade no que se refere à centralização do poder?
- ❖ Quais as marcas linguísticas denunciam essa centralização do poder pelo *status*?

Mediante as respostas, o professor continuará fazendo a mediação da discussão, podendo recorrer a outras indagações em cima do que os alunos trouxeram. É importante esclarecer aos alunos que os temas reconstróem o mundo, dado como representação conceitual, o mundo representado como um enunciado edificado pelo próprio homem, e simbólico, o mundo feito de discursos e no discurso. Já as figuras são imagens do mundo e expressas na materialidade linguística. Segundo Fiorin (2018), o tema é o conteúdo geral em que estão contidos os conteúdos menores que são as figuras. Estas, por sua vez, são as formas como o tema é representado. Tanto os temas como as figuras têm realidades distintas, enquanto aquele é abstrato, este é concreto.

Num discurso, especialmente quando a leitura é coletiva, certamente há uma maior riqueza de exploração temática, no entanto, para a proposição sugerida aqui, destacamos dois: *status* e *poder*. *Status* que, de acordo com Olivier (2009), é sinônimo de prestígio e é utilizada para caracterizar a posição concedida a indivíduos a partir de recursos socioeconômicos. Seguindo essa ideia, sugerimos os questionamentos.

- ❖ O que é *status*?
- ❖ Você conseguiu identificar o tema *status* na performance do major Antônio Moraes? Em que trecho é possível perceber?
- ❖ O major é descrito como “mandão” de Taperoá. O que seria mandonismo? Por que ele é caracterizado assim?

Complementando as contribuições dos alunos, o professor poder esclarecer que, no discurso em debate, major Antônio Moraes apresenta atitudes autoritárias caracterizadas como *Mandonismo*, visto que, ele usa o poder, com base no *status* de major, como “mandão” de Taperoá. Além disso, o ator é dono de grandes propriedades e temido pelo povo apenas pelo fato de ser “rico”.

Vejamos a seguir a figurativização marcada pela presença de outros elementos no trecho a seguir ressaltado pelo enunciador, que caracteriza o tema *status*:

PALHAÇO – [...], Mas tem também que pensar em certas conjunturas e transigências, pois Antônio Moraes é dono de todas as minas da região e é um homem poderoso, tendo enriquecido fortemente o patrimônio que herdou, e que já era grande, durante a guerra, em que o comércio de minérios esteve no auge [...] (Suassuna, 2018, p. 64, grifo nosso).

No trecho acima, o palhaço conta que além do título, o major é dono de todas as minas da região. Histórica e socialmente, a mineração tem uma forte relação com o governo em apoio ao desenvolvimento técnico e possíveis parcerias com outros países. Assim, pode-se enfatizar que sua posição militar lhe confere uma dupla vantagem econômica, considerando que ele possui todas as mineradoras com parceria internacional para produzir materiais bélicos, o que favoreceu a Segunda Guerra Mundial. Também é possível destacar outros personagens que demonstram a condição privilegiada do major a partir de fatos históricos em que o ator menciona a linhagem de sua família. Vejamos.

ANTÔNIO MORAES – Baixa qualidade! Meu nome todo é Antônio Noronha de Brito Moraes, e esse Noronha de Brito veio do Conde dos Arcos, ouviu? Gente que veio nas caravelas, ouviu? (Suassuna, 2018, p. 49, grifo nosso).

Considerando que o debate deve levar mais de uma aula, uma pesquisa pode ser orientada aos alunos sobre a família portuguesa que veio nas caravelas. A fonte da pesquisa deve ser indicada pelo professor. Assim, na continuação do debate, destacar que o major pertence à família da coroa portuguesa "que veio nas caravelas", é rico pela herança com a nobreza dos seus antepassados, pelo que não obteve o título por ter feito parte das forças armadas, mas sim pelo seu patrimônio familiar. No *site*² da Biblioteca Nacional de Portugal, está disponível para consulta os 12 Tomos em 13 volumes da obra ‘História genealógica da casa real portuguesa’ (1735-1749, p. 239), encontra-se o registro de Dom Luiz de Lima Brito Nogueira, 1º Conde de Arcos.

² Os arquivos estão disponíveis em: <http://www.bnportugal.gov.pt/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Para a exploração do outro tema para este debate, que é o *poder*, antes de tudo, é preciso saber a etimologia da palavra poder. E isso o professor pode oferecer inicialmente. Poder vem do latim vulgar *potere*, substituído pelo latim clássico posse, que é uma abreviatura de *potis esse*, "ser capaz"; "autoridade". Assim, dando prosseguimento, o professor fomenta a conexão com a ideia de "poder" que pode ser feita com os questionamentos sugeridos a seguir.

- ❖ A concepção de poder está ligada à ideia de superioridade, de obtenção de privilégios. Vocês conseguiram identificar o tema "poder" na performance do major Antônio Moraes? Como conseguiram perceber?
- ❖ Que estratégias o major Antônio Moraes utiliza para conseguir o que quer?
- ❖ Vocês acham que o poder econômico e político do major foi algo conquistado ou repassado por herança e influência familiar? Será que na sociedade atual ainda temos situações como essa?
- ❖ O autoritarismo só esteve presente apenas no século XX ou ainda temos predominância hoje?
- ❖ Que características autoritárias vocês conseguem identificar na sociedade atual?

Possibilitar que os alunos percebam que, na leitura para o debate proposto, o poder é construído a partir da posição do major, ou seja, a partir da riqueza que o major designado possuía e de sua linhagem. Segundo o dicionário de filosofia, a palavra poder na esfera social, seja por um indivíduo ou por uma instituição, é definida como "a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado [...]" (Blackburn, 1997, p. 301).

Observamos que o major Antônio Moraes recorre à mobilização das forças sociais, especificamente à Igreja, em prol de um objeto de valor, utilizando-se do autoritarismo, temática que advém do tema do poder e sua influência política, pois o poder econômico e a política têm lhe dado subsídios para essa mobilização. É importante enfatizar que, embora o major precise do favor da igreja, ele não reduz a sua autoridade quando vai direcionar o seu discurso ao padre. Vejamos a seguir o imaginário marcado pela presença do autoritarismo enfatizado pelo locutor.

PADRE, da igreja. – Ora quanta honra! Uma pessoa como Antônio Moraes na igreja!
Há quanto tempo esses pés não cruzam os umbrais da casa de Deus!
ANTÔNIO MORAES – Seria melhor dizer logo que faz muito tempo que não venho à missa.
PADRE – Qual o que, eu sei de suas ocupações, de sua saúde...
ANTÔNIO MORAES – Ocupações? O senhor sabe muito bem que não trabalho e que minha saúde é perfeita. (Suassuna, 2018, p. 48, grifo nosso).

É importante destacar que, segundo Oliveira (2006), quando cita Bourdieu (2001), a Igreja Católica por muito tempo contribuiu para a "ordem" política e passou grande parte da

sua história junto ao poder do Estado, durando em torno de mil e seiscentos anos. Em troca de seu apoio recebia bens mobiliários, proteção, prestígio e subsídios financeiros. O governo doava propriedades à igreja para obter apoio político de seus fiéis, mas também terras, mosteiros e dioceses. Justifica-se, portanto, a devoção e o temor do padre em relação à figura do major, que representava o estado e fornecia subsídios financeiros para a Diocese de Taperoá.

Outro fomento ao debate é a informação de que os sertanejos e devotos construíram sua fé com base nos costumes e credos criados pela Igreja, por isso possuem uma necessidade e dependência do mundo da transcendência espiritual, aqui vale destacar a devoção do filho do major, que está doente e precisa viajar, mas “ele tem uma verdadeira mania eclesiástica e não quer ir sem um padre uma bênção.” (Suassuna, 2018, p. 47).

Essa dependência do povo ao divino era necessária para que a Igreja se mantivesse no poder. A Igreja Católica garantiu a sua estabilidade através da fé e do empenho do povo, basta voltar o olhar para a sociedade contemporânea para ver que as práticas do passado continuam presentes.

Muito ainda pode ser explorado, mas a nossa sugestão termina neste ponto. De acordo com a proposta de Masetto (2012), este é o momento de o professor trazer a turma de volta para os temas centrais de debate “*status* e poder”, retomando alguns pontos discutidos e fazendo o encaminhamento para as considerações finais e fechamento. É uma oportunidade de o professor ressaltar a importância dessa discussão na atualidade, bem como suas relações com outras esferas da sociedade.

CONCLUSÕES

A literatura popular é produto da história cultural de um povo, que permanece em contato com diferentes realidades e contextos e sofre múltiplas adaptações ao longo do tempo. Dessa forma, Ariano Suassuna preserva e se vale das raízes populares, mostrando a cultura e a arte local da cidade de Taperoá. É pensando por este viés que defendemos discursos de inspiração popular para o trabalho em sala de aula.

Com a proposta do debate para ensino médio, elucidamos o percurso do major Antônio Moraes, personagem de o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e chegamos aos seguintes resultados: os temas *status* e poder estão presente durante todo o percurso na performance do ator. O *status* social é evidenciado por meio do discurso do major em suas ações, afirmado pelos demais moradores da cidade de Taperoá. O poder por sua vez, está

imbricado ao *status* histórico e socialmente. O poder não é só do Estado ou da soberania, está vinculado à posição de major e à de herdeiro de riquezas.

Esses resultados foram extraídos por meio da simulação de um debate, seguindo o modelo de Masetto (2012), para escolas de ensino médio. É preciso enfatizar que, dada a heterogeneidade cultural da sala de aula, a simulação nunca será exatamente igual à experiência. É uma proposta que proporciona momentos de sensibilização crítica para as questões sociais e para significar as experiências individuais e coletivas e coletiva dos debatedores.

Reiteramos que o momento de debate proposto neste artigo pode ser adaptado a outros níveis da educação básica, considerando a obra selecionada e a profundidade da discussão. Logo, as informações que colocamos como passíveis de serem ativadas pelo fomento da discussão e contribuição docente não tem obrigatoriedade de serem seguidas *ipsis litteris*, uma vez que se trata de uma simulação de debate e a realidade nunca é igual.

Logo, esperamos que esta seja uma contribuição importante para a leitura de textos literários, ou não, para o ensino básica. A proposta aqui elaborada foi direcionada tanto para o profissional de língua portuguesa, quanto para o professor ainda em formação.

REFERÊNCIAS

- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, v. 40, n. 2, 1997. DOI 10.1590/S0011-52581997000200003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003. Acesso em: 03 jan. 2021.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Tradução: Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução: Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- LOPES, José; SILVA, Helena Santos. *O professor faz a diferença. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos*. Lisboa: LIDEL, 2011.
- MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. A cristandade: um modelo eclesial de poder. *Fragmentos de cultura: revista interdisciplinar de Ciências Humanas*, 2006. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1889>. Acesso em: 09 abr. 2021.

OLIVIER, Michèle. *Status em sociedades pós-modernas: a renovação de um conceito*. *Lua Nova*, São Paulo, n. 77, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n77/a02n77.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2021.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

VENUZO, Maria Thereza. *Classes rurais e nordeste: uma visão de José Lins do Rêgo*. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 125-131, abr./jun. 1972. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v12n2/v12n2a11.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1991.